

nós de pontas soltas

maria marujo



**algumas pontas ou nós!
a vós a decisão:**

sobre os óculos da sofia

não sei o que fazer com esta liberdade.
mas que merda calhar-me logo a mim esta liberdade.
eu não quero esta liberdade. eu não a pedi. não a desejei.
não dá para viver neste mundo com esta liberdade.
eu não sei viver neste mundo com esta liberdade.
eu quero os meus óculos outra vez.
lentes grossas, como toda a gente.
ainda por cima os meus óculos eram tão giros.

pergunta-nos o rui:

tens fronteiras?
delimitaste as tuas fronteiras?
como foi o teu encontro com elas? o que escolheste? foste mais
além, quedaste imóvel, foi surpresa ou já o sabias?
são elas o teu limite?
ou é nelas o teu equilíbrio?
porque as ultrapassaste, porque as transpuseste e te lançaste
mais além? foi a certeza, foi a ânsia, o simples desejo de aventura
e descoberta? foi o medo?
sabes já até onde podes ir? sabes já até onde queres ir?
quais as que manténs? quais as que destruístes?
não tens fronteiras?

e amarras?

o espanto da ana

que cegueira essa? como pode ela impedir-te de veres? de me
veres, este espanto constante, esta camuflagem azul ou verde
ou cinzenta no seu lugar de escuridão? que espanto este que
me foge
constantemente
alheio à voz, alheio ao querer. que fazes tu para que ele se erga
incólume no seu lugar derrotado? porque assim espera esta cor
diluída, este vagar espanto... porque assim te encontrarei e tu ain-
da sem me veres e tu ainda sem me teres, sem me descobrires
assim camuflada, assim derrotada. insuspeito do meu espanto.
insuspeito da minha derrocada total.
é o espanto o que me foge, o espanto de assim te saber, o es-
panto de assim te querer, a ti, que não sabes nem queres. o meu
espanto nem a mim...

quando o mário fez um mapa:

será preciso fazer-te um desenho como se faz aos pequeninos? qual a palavra dita ou calada que não percebeste? qual o gesto que não te foi claro e peremptório? o que te diz a minha ausência e o meu desinteresse? que mensagem te transmite o som da minha voz e o peso do meu silêncio?

porque continuas infatigável nesse percurso só? porque insistes na palavra, no som, na presença? porque perguntas sempre sempre sabendo que a resposta não chegará? porque olhas nesta direcção vazia?

não te quis então, não te quero agora ou voltarei a querer um dia! faço-te um desenho?

não te quero!

a sara queda-se prostrada:

de novo prostrada à janela de mim. olho para as imagens transeuntes que serpenteiam a minha janela, na esperança de que o olhar me deixe ver um pouco mais além. um pouco mais aqui. de mim. uma profusão labiríntica. espectadora. escuto-me quando me digo, sai. vai. anda. escuto-me. apenas.

a minha janela mostra-me a foz do sabor que esconde além o douro. fora de mim. em mim não existem nomes, pontos de referência geográfica, mapas.

sabendo-me olhando para a foz do sabor com o douro a espreitar não posso concluir que esteja perdida. simplesmente não me tenho. fiquei algures. fiquei nenhures.

ocorreu-me há segundos atrás se o equilíbrio, faminto como sempre é, seria o mentor de tal plano. para a felicidade a infelicidade. a mão esquerda a oferecer uma e a direita a pegar na outra. a proporção do peso, da matéria.

o repouso de assim permanecer à janela de mim outrora, à janela de mim hoje e à mesma do amanhã. depois nada. tal como já o foi o tudo. o equilíbrio.

se fábula fosse eu escamaria agora mesmo e de um salto apenas daria o mergulho que me levaria ou douro abaixo!... ou quem sabe, talvez douro acima!

no dia em que foi feriado e a joana se apercebeu:

hoje deve ter havido um desequilíbrio monstruoso no universo. a minha papa-laranjas/assassina-de-priscas não estava a comer a sua laranja meia dentro da mochila meia fora... apesar de não ter resistido à tentação de assassinar uma prisca, que não foi a minha hoje, porque confesso que me irritou o facto de não estar a papar a sua laranja. assim sendo, não a deixei apagar a minha prisca e fui deitá-la longe do seu olhar...

pois assim são os meus minutos de espera pelo autocarro que me conduz aos solavancos para o trabalho, ao som irritante, profundamente irritante da mesma profundamente irritante adolescente que nos obriga a ouvir a sua igualmente profundamente irritante música no telemóvel...

hoje está sol, por isso entrei sossegadita neste autocarro, murakamiana é certo, mas sossegadita, até porque tenho estado à espera que o desequilíbrio do universo se manifeste. será que amanhã a papa-laranjas/assassina-de-priscas não comparece??

ah! é verdade. não compareço eu. feriado dizem. o que será que vai acontecer?

a catarina e o rafael encontram-se neste tempo desencontrado:

representas todas as possibilidades.

levanto-te e de tóquio irá responder-me uma voz. se te levantar outra vez escutarei a voz já em paris. e se o fizer uma terceira vez a voz estará quente algures na austrália.

possibilidades finitas, mas mesmo assim, infinitas. biliões de fios e ligações e conexões. biliões de combinações matemáticas que por fios escondidos ou a céu aberto ou planando no espaço, vivendo em satélites me permitem que a voz se faça ouvir do outro lado.

e no entanto

aquém de toda essa infinidade e grandiosidade da engenharia e da informática e da matemática

existe apenas um único elemento que permite todo o empreendimento:

a vontade de ouvir a tua voz.

a tua vontade de ouvir a minha.

todas as possibilidades e a minha e a tua vontade não acontecem no mesmo momento...

a dúvida do manuel

há quem consiga
eu não
sempre igual, sempre na mesma
terei em mim um camaleão?
sempre me imaginei peixe ou elefante.
a psicologia e a filosofia também lhe chamam outras coisas
mas isso agora demorava tudo muito tempo
e eu não o tenho.
haverá?

sobre as raízes da maria:

li isto
li que o sofrimento deve cair aos trambolhões do céu
li que um punhado grosso deve cair em alguém e o restante
pouco
em outro alguém
e depois de ler isto pensei:
mas porque é que eu me havia de ter colocado
petrificada
logo aqui neste sítio
porque não uns metritos mais à frente
ou uns metritos mais atrás?
se calhar aprendi:
movimentar
movimentar sempre
não parar em lado nenhum...
mas depois também pensei nas raízes...

a marta foi aos saldos:

será que todos nós não passámos já longe da curva onde deveríamos ter virado para encontrar o humanismo, e caminhámos desvairados, produtos em montras, mostráveis, vendáveis, para aluguer, para empréstimo?

em que situações, momentos, nos se deparará frente a frente a certeza de que acabamos por parar em mais uma outra montra? e será possível viver de outra forma?

será que alguém nos via se não fizéssemos estas paragens de montra em montra?

acontecerão connosco os preços altos e as rebaixas que levam aos saldos?

quando deixamos de ser meros produtos???

o que fez o tiago durante a noite:

hoje passei a noite a escrever e a ler palavras. horas seguidas com alguém. escrevemos e lemos muitas palavras, todas elas cheias. não houve uma vazia. e vou agora dormir assim também eu cheio. daqui a umas horas é dia e é domingo. talvez escondido esteja algum resquício da espiritualidade, religiosidade que me acompanhava quando era metade criança em angola, metade em trás-os-montes, a verdade é que sempre me ficou a sensação de que o domingo é um dia de oferendas!
um dia de metades...

sobre o que pensou a mariana quando vomitou:

era tão bom que pudéssemos vomitar as dores, os aborrecimentos, as chatices, as más recordações, as...os... tudo o que nos vai insuflando e nós vamos guardando sem saber muito bem onde ou como ou para quê precisamente porque não se podem vomitar como se de uma simples comida estragada se tratasse.

hoje é domingo e apetecia-me vomitar tudo de uma vez por todas e depois ficar com aquela sensação de alívio. mal-estar sim, mas alívio.

hoje, domingo, vi um sol gordo e vermelho e lindo como só ele consegue ser, mergulhar bem devagarinho no oceano. foi belo! amanhã é segunda, e já nada disto importa.

o pedido da liliana:

deixa-me

deixa-me assim ser pedra. deixa-me dessa forma sentir-me finalmente. deixa-me.

não me largues. não permitas que me desfaça nestes mil pedaços que juntaste. não me deixes. nada. deixa-me assim toda só por instantes. pedra.

imutável neste instante.

só para poder amar um pouquinho. um quase nada.

quando me largares fá-lo com doçura. ainda que pedaços. são os meus pedaços. e podem sempre partir-se um pouco mais. fá-lo com doçura.

mas só depois.

agora segura-me.

deixa-me ser.

deixa-me acreditar... ama-me.

quando o João pensou ser pássaro!

segundos após qualquer coisa que não descortino surges-me tu, logo tu, que cada vez mais desconheço. adivinho-te o cheiro e o peso e sei o teu toque. cheguei mesmo a olhar-me ao espelho uma duas três vezes, mas nada, nunca te via, ainda que te adivinhasse.

sei quantas rugas tens e que os teus olhos são assim de uma cor estranha que dizem ser bela. mas fico sempre sem perceber. percebo de olhares mas as cores que neles se escondem fogem-me num daltonismo teimoso.

vejo-te rir e chorar. e como mudam as linhas quando o fazes.

foi segundos logo após qualquer coisa.

então quis que fosse uma folha bem pequenina que tinha acabado de poisar num banco.

a certeza da Augusta:

hoje tive certeza que te amava, não que alguma vez tivesse duvidado, mas hoje a tarde que passei com o mar ensinou-me outro amor. afinal era esse amor que eu sempre soube sentir, só não lhe sabia o nome. há muitas palavras para a palavra amor. e afinal só há um amor.

as coisas que o mar sabe:

o nome que não sabia

